



HIERARQUIZAÇÃO E ESTIGMAS DOS PAPÉIS SEXUAIS EM *BOM-CRIOULO*, DE ADOLFO CAMINHA

Eixo Temático: Identidades e (Não)Representatividades de LGTQIA+ na Literatura, no Cinema, na Música e na TV do Brasil

Allan Monteiro Pessoa¹
Helder Thiago Cordeiro Maia²
Mário César Lugarinho³

Resumo

O romance *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, possui como protagonista Amaro, um homem adulto que se apaixona por um jovem rapaz. Amaro é um escravo fugido que passa a trabalhar em um navio. Apesar da falsa liberdade que encontra no navio, o personagem vive situações a bordo que rememoram os tempos em que vivia como escravo. É no sexo que Amaro busca inverter sua posição de submisso, desempenhando para isso o papel sexual de ativo com o seu parceiro. Se espelhando no modelo de uma relação heterossexual, Amaro toma para si os estereótipos positivos que o homem carrega de acordo com uma sociedade patriarcal, e atribui ao seu parceiro o papel de “mulher”, atrelado a este os estereótipos negativos femininos.

Palavras-chave: Sexo; Papel sexual; Sociedade patriarcal

Introdução

O estigma do papel do passivo sexual transcende os séculos e alcança a Contemporaneidade. Para Bordieu (2002), a divisão heteronormativa e a hierarquização dos papéis sexuais constituem uma forma de dominação. Esta divisão consiste na atribuição do

¹ Mestrando do curso de Letras da Universidade de São Paulo – USP, allan.pessoa@usp.br

² Professor orientador: Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo – USP, helderthiagomaia@usp.br

³ Professor orientador: Professor Associado da área de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo – USP, lugarinho@usp.br

papel de penetrador (ativo) e o penetrado (passivo) à mulher. Cada papel sexual comporta uma lista longa de estereótipos. De acordo com Misse (2007, p. 55), alguns estigmas atrelados ao papel passivo são: “submisso”, “covarde” e “fresco”. Por outro lado, referente ao papel ativo, temos estereótipos opostos: “dominador”, “agressivo” e “macho” (MISSE, 2007, p. 55). Fica evidente, através dos estereótipos citados, a superioridade concedida ao papel do ativo.

No século XIX, diante do determinismo biológico típico do período, surge o termo “homossexual” (BOSWELL, 1981, p. 42). Num primeiro momento, o sujeito homossexual é tratado como um doente. As características desta nova “espécie” eram consideradas sintomas à patologia da homossexualidade. Na época, o principal sintoma reconhecido como típico do homossexual era a feminilidade:

aspectos considerados culturalmente femininos já eram associados ao homem homossexual desde a Idade Antiga. O que auxiliou a formar as normas de gênero que foram reguladas pela Igreja, Estado, e finalmente ratificada pela medicina do século XIX (ANTUNES, 2017, p. 191)

A perversão também era um fator que compunha o grupo de estereótipos atribuídos a esta classe de pessoas. Era comum, com isso, associar o indivíduo que carregava essa “doença” à pedofilia. No século seguinte, ao tomar conhecimento de sua especificidade, o homossexual passa a lutar para que sua identidade seja respeitada.

Para a sociedade ocidental do século XIX, era tranquilizador um casal homossexual seguir à divisão heteronormativa dos papéis sexuais, que consiste em um homem ativo e uma mulher passiva (ARIÈS, 1987, p. 78). Ao surgirem casais compostos por um homem másculo ativo e um homem afeminado passivo, a sociedade passou a considerar outros tipos de homossexuais além do afeminado e do pedófilo. Entretanto, ao transpor o modelo heterossexual aos casais homossexuais, acontece também a transposição dos estereótipos deste modelo de papéis sexuais.

De acordo com Antunes (2017, p. 151), os membros de uma sociedade internalizam os estigmas voltados à determinada minoria social, inclusive aqueles que pertencem a tal minoria. No caso dos homossexuais, antes mesmo de perceberem a natureza de sua orientação sexual, eles internalizam tais estigmas sobre si próprios. Muitas vezes, quando esses indivíduos reconhecem sua atração por pessoas do mesmo gênero, eles passam por uma não aceitação de sua condição. A isto, damos o nome de homofobia internalizada. Segundo Antunes (2017, p. 150), “a homofobia internalizada implica um conflito psíquico entre o que

as pessoas pensam que a diversidade (homossexuais) e como eles experimentam sua própria sexualidade (como homossexuais ou bissexuais)”.

Os homens homossexuais com homofobia internalizada tendem a negar sua própria sexualidade. Com isso, é comum eles tentarem esconder seus desejos e viverem como heterossexuais. Para eles, viver de acordo com sua orientação sexual significaria carregar os estigmas impostos pela sociedade a respeito do sujeito gay: a ideia de que são afeminados – e por isso fracos, doentes e pervertidos (ANTUNES, 2017, p. 155).

Estes homens gays, que assumem uma identidade conflituosa de heterossexual, muitas vezes direcionam o ódio de si mesmo para outros membros de sua comunidade, principalmente àqueles que não fazem questão de esconder a orientação homossexual. Os mais odiados neste caso são aqueles que mais expressam os estigmas sociais e que desafiam as normas heteronormativas de gênero, como os homossexuais afeminados e as lésbicas masculinas (ANTUNES, 2017, p. 156).

Vemos, assim, como um homossexual é capaz, através da homofobia internalizada, de estigmatizar outros homossexuais. Para isso, há primeiro uma divisão da categoria de homossexual, entre aqueles que apresentam os estigmas de um homossexual – sendo o principal deles a feminilidade – e aqueles que escondem tais estigmas.

Na obra *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, Amaro inicia um relacionamento com o jovem Aleixo e passa a desempenhar com o rapaz o papel do ativo sexual. Este trabalho busca identificar como ocorre a hierarquização dos papéis sexuais desta relação e como cada papel sexual é encarado por Amaro. Para isso, será considerada a posição social dos personagens e os estigmas dos papéis sexuais presentes na sociedade ocidental ao longo dos séculos.

Metodologia

Este trabalho corresponde à parte de minha pesquisa de mestrado que está em andamento, cujo título é “Sexo e dominação no naturalismo luso-brasileiro: *Bom-Crioulo* e *O Barão de Lavos*”. Para este trabalho, resolvi focar na obra *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, e discutir sobre como acontece a hierarquização dos papéis sexuais e como essa hierarquização se relaciona com as posições sociais dos personagens. Para isso, além da leitura atenta do romance, respeitando as possibilidades de interpretação que o texto oferece, me utilizei de algumas obras teóricas.

Destaco aqui o livro *O Esquema do passivo sexual*, de Michel Misse e o livro *Homofobia internalizada*, de Pedro Antunes, que tratam de como os papéis sexuais são concebidos na sociedade contemporânea.

Ao tratar de um romance do século XIX, considero importante entender sobre a questão da homossexualidade neste período. Para isso, me utilizei dos livros que compõem a *História da Sexualidade*, de Michel Foucault.

Resultados e discussão

Em *Bom-Crioulo*, obra de Adolfo Caminha, temos como protagonista Amaro, o “Bom-Crioulo”, um escravo fugido que passou a trabalhar como marinheiro. No navio, Amaro conhece Aleixo, um jovem grumete. Amaro, então, inicia suas tentativas de conquistar a admiração do rapaz. Assim que chega ao navio, Amaro sente-se verdadeiramente livre. Entretanto, aos poucos, ele descobre que seu trabalho retoma elementos de seu passado como escravo, fazendo-o chegar à conclusão de que era “escravo na fazenda, escravo a bordo, escravo em toda a parte” (CAMINHA, 1956, p. 63). Um objeto símbolo de tortura de escravos brasileiros que se fazia presente no navio era o chicote. Como forma de correção moral, os marinheiros se submetiam a golpes de chicote.

Amaro, assim, é incapaz de ocupar uma posição de autoridade diante de suas relações sociais. Com isso, o personagem busca uma forma de dominar em outros meios, como no sexo. Para tanto, ele passa a ocupar a posição de ativo em suas relações sexuais com Aleixo. A dominação de Amaro sobre Aleixo acontece de tal forma, que o garoto é descrito como um escravo nas relações sexuais: “Porque Bom-Crioulo não se contentava em possui-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo” (CAMINHA, 1956, p. 76). Sabemos, neste ponto, que Amaro foi um escravo no sentido literal da palavra. Com isso, existe uma tentativa de Amaro em deslocar a sua submissão imposta pela sociedade escravocrata para a figura de seu companheiro.

Durante o romance, Amaro é descrito como um homem forte e musculoso e usa de seus atributos físicos para criar uma imagem viril de si para Aleixo. Para isso, ele se envolve em brigas para provar ser um verdadeiro homem: “Foi então que o negro, (...) quis mostrar ao grumete o seu grande poder sobre os outros, (...) esmurrando implacavelmente o segunda classe que maltratara Aleixo” (CAMINHA, 1956, p. 36).



A virilidade de Amaro contrasta com a feminilidade de Aleixo. No romance, o garoto é descrito como semelhante a uma mulher: “Sim senhor! Parecia uma menina com aquele traje” (CAMINHA, 1956, p. 43). Há alguns possíveis motivos que levam Bom-Crioulo a destacar a feminilidade de Aleixo. Em certos trechos da obra, Amaro se mostra culpado por seus desejos homossexuais:

alguma coisa dentro de si revoltava-se contra semelhante imoralidade que outros de categoria superior praticavam quase todas as noites ali mesmo sobre convés... Não vivera tão bem sem isso? Então, que diabo! Não valia a pena sacrificar o grumete, uma criança... Quando sentisse “a necessidade”, aí estavam mulheres de todas as nações, francesas, inglesas, espanholas a escolher! (CAMINHA, 1956, p. 41)

No trecho acima, a homossexualidade de Amaro é mostrada como algo que poderia ser evitado caso ele deslocasse este desejo para prostitutas, o que era algo socialmente aceito no século XIX (FOUCAULT, 2018, p.10). Em um outro trecho, Amaro considera a possibilidade de abandonar Aleixo e se casar com uma mulher: “Precisava tomar uma resolução: abandonar o Aleixo, acabar de uma vez, meter-se a bordo, ou então amigar-se com uma rapariga de sua cor e viver tranquilo.” (CAMINHA, 1956, p. 107).

É possível que o leitor, através dos trechos acima, considere o interesse de Amaro pelos gêneros masculino e feminino. Entretanto, é revelado que Bom-Crioulo não sentia prazer com mulheres: “Agora compreendia que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que de balde procurara nas mulheres” (CAMINHA, 1956, p. 60). Com isso, Amaro buscava, através de relacionamentos heterossexuais, esconder a sua homossexualidade.

A feminização de Aleixo, portanto, serviria como um meio de Amaro tornar esta relação mais próxima à heterossexual, destacando-se como homem, em oposição ao jovem que ocupa o papel da mulher. Isto se mostra no trecho em que Amaro é comparado a um “marido feliz”, por confiar na fidelidade de Aleixo (CAMINHA, 1956, p. 83).

A transposição do modelo de casal heterossexual para o seu relacionamento com Aleixo também pode ser considerado um modo de buscar uma maior aceitação da sociedade. Isto porque um casal composto por um homem viril e um homem afeminado causa menos estranheza a uma sociedade heteronormativa, por poder encontrar no casal os referenciais estereotípicos de homem e mulher.

Após se envolver em uma briga e ser castigado com inúmeras chibatadas, Amaro é levado ao hospital. Abatido, Bom-Crioulo teve sua aparência transformada, o que espantou aqueles que o conheciam como um homem viril cheio de músculos: “Como estava acabado o



negro. Viam-se-lhe os ossos da cabeça, grande cicatriz, uma espécie de ruga funda no pescoço...” (CAMINHA, 1956, p. 164). A imagem fatigada de Amaro, entretanto, não é uma consequência apenas dos castigos físicos recebidos. A ausência de Aleixo tortura-o durante sua estadia no hospital. Durante o romance, Amaro é mostrado como dependente afetivo do garoto:

essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho (CAMINHA, 1956, p. 34).

Note que é empregado “escravo” para designar Bom-Crioulo diante de sua paixão pelo garoto, sendo ela a mesma palavra usada para descrever Aleixo no ato sexual. Ainda neste trecho, a submissão amorosa de Amaro por Aleixo é comparada àquela a qual um homem sente por uma mulher, de acordo com a visão heteronormativa. Isto confirma a transposição do modelo heterossexual para a relação homossexual do romance, colocando Amaro na posição dominante ocupada pelo homem, e condenando Aleixo à posição da mulher passiva.

Considerações finais

Através da análise de *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, pode-se concluir que a relação homossexual entre Amaro e Aleixo possui uma hierarquia dos papéis sexuais. Esta hierarquia possui relação com a posição social do protagonista, dado que Amaro busca se libertar da condição de submisso imposta sobre ele pela sociedade escravocrata do século XIX e deslocar essa condição para a figura de seu companheiro Aleixo.

Para que haja essa dominação sexual por parte de Amaro, ele desempenha o papel do ativo sexual, destinando o papel do passivo sexual a Aleixo. Como forma de se culpabilizar menos pelo fato de sentir atração sexual por homens, Amaro desloca a hierarquização sexual heteronormativa para sua própria relação. Assim, ele passa a ser o “homem” da relação. Para reforçar essa posição de homem, Amaro busca destacar seu físico másculo e se envolve em brigas, ao considerar isso um comportamento de um verdadeiro homem. Aleixo, por outro lado, carrega estereótipos de uma mulher em uma sociedade patriarcal: delicado, feminino e frágil.

Apesar da dominação sexual de Amaro, ele sofre uma dependência emocional do garoto. Existem, assim, dois tipos de dominação presente na relação homossexual da obra: a



dominação sexual e a dominação masculina. Amaro domina o garoto no sexo, mas ao mesmo tempo, é dominado pela paixão que sente pelo jovem.

Referências

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Homofobia internalizada**: O preconceito do homossexual contra si mesmo. São Paulo: Annablume, 2017.

ÀRIES, Philippe. Reflexões sobre a história da homossexualidade. In: _____ & BÉJIN, André (orgs.). Sexualidades Ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSWELL, J. Christianity, Social Tolerance and Homosexuality: Gay People in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century. Phoenix ed. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução de Maria Helena Kuhner. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. CAMINHA, Adolfo. Bom-Crioulo. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1956.

CAMINHA, Adolfo. Bom-Crioulo. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1956.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade, v. 1: A vontade de saber. 5 ed. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2018

MISSE, Michel. O Estigma do Passivo Sexual. 3 ed. Rio de Janeiro: Booklink: NECVU/IFICS/UFRJ : LeMetro/IFICS/UFRJ, 2007.